

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte Hof em Dia (M.G.) Class.: 226

Data 7 de maio de 1992 Pg.: \_\_\_\_\_

□ FOTOGRAFIA

# Guran registra alegrias e dores dos Yanomami

190  
Duas realidades de um mesmo povo. Esta diversidade — um contraste evidente — será capaz de surpreender até o mais cosmopolita dos brasileiros, pouco entrosado com a questão dos índios *Yanomami*. A mostra fotográfica que o Centro Cultural da UFMG inaugura hoje traz o olhar sensível de Milton Guran e encaminha uma denúncia: a desagregação que o homem branco leva para uma comunidade harmônica.



Guran fotografa os índios

Mas a genialidade está na comparação evidente de imagens. Algumas fotos apresentam índios felizes e saudáveis, enquanto que outras captam o sofrimento em olhos esquivos e corpos raquíticos. O grupo alegre vive na região de Toototobi, no Amazonas, área quase sem garimpo. A miséria estampada nos outros índios apresenta os moradores de Homoxi e Paapiú, território invadido pelos garimpeiros, em Roraima.

“Viva Yanomami” é uma seleção de momentos cotidianos daqueles índios, restritos aos dez mil indivíduos que vivem em áreas do Amazonas e de Roraima. Milton Guran executou o trabalho entre junho e outubro do ano passado. A documentação fotográfica foi feita com o apoio da Bolsa Vitae de Artes (1991) e segue um projeto antigo do autor, que há 14 anos pesquisa a questão indígena. No caso dos *yanomami*, o interesse valeu-se por ser aquele o povo mais numeroso entre as culturas pré-colombianas, que vive (ou tenta viver) de maneira totalmente tradicional.

“A cultura Yanomami é completa, absoluta, com a harmonia imperando em todas as atividades. Os índios, de forma geral, estão voltados para a vida e com esses povos ditos primitivos temos muito o que aprender” — manifesta-se. Guran, um dos fundadores da Associação Nacional de Apoio ao Índio e, por três anos (de 86 a 89), o responsável pelo Núcleo de Antropologia Visual do Museu do Índio/RJ, comenta o erro etnocên-

trico de generalizar a palavra *índio*. “É como se tratar um português ou um austríaco especificamente como europeu. O traço em comum entre tantas tribos que sobrevivem é a ligação em torno da vida”, comenta.

A exposição de fotografias prossegue até o dia 19, no Centro Cultural (Avenida Santos Dumont, 174); segue depois para o Minascentro, durante o Congresso Internacional sobre Imprensa (Greenpress), dos dias 20 a 25. Mas a seleção de fotos tem um longo trajeto pela frente. Em junho, estará em Curitiba, e, em novembro, será apresentada em Paris. E durante a Rio-92, “Todo Dia é Dia de Índio” será a exposição — “a única documental sobre os povos indígenas”, faz questão de frisar — em cartaz no IBAC: *Kayapó, Xavante, Kamayurá, Suiá, Kuikuro, Makuxi, Matis, Marubo, Pankararu, Kuikuro, Jaminawa, Machineri, Kaingang, Gaurani e Yanomami* aparecem nos registros de Guran.

São mais de 12 exposições diferentes, com temática específica, como conta, e que já tiveram perto de 60 exibições. Em junho, por exemplo, São Paulo verá “Olhar Indígena”. Em 40 fotografias montadas em círculo, pelo menos um dos índios olha para a objetiva da câmera e cria, na montagem envolvente, uma relação forte com o observador.

### Livro terá lançamento paralelo ao vernissage

Em Belo Horizonte, a exposição começa às 20 horas de hoje e, paralelamente, ocorre o lançamento do livro “Linguagem Fotográfica e Informação”, inédito em todo o Brasil. No livro, o autor lembra que “freqüentemente uma foto de primeira página nos chama atenção pela força de sua mensagem, enquanto que, no jornal concorrente, outra sobre o mesmo assunto não nos causa tanto impacto”. Para explicar o que chama de “foto eficiente” na transmissão da mensagem, o repórter fotográfico explica o bom uso da linguagem fotográfica.

O livro, único sobre o assunto, funcionou como sua tese para o mestrado em Comunicação pela Universidade de Brasília. Apresenta um completo conjunto de reflexões sobre o fazer fotográfico. Antes do mestrado, ele especializou-se em Antropologia Visual e foi um dos fundadores da Agência Agil Fotojornalismo.



FOTOS M. GURAN/DIVULGAÇÃO

□ O repórter fotográfico evidencia a diferença entre os índios saudáveis e os raquíticos: o grupo sadio vive na região de Toototobi, no Amazonas, área quase sem garimpo; a miséria estampada na face dos demais caracteriza os que habitam as regiões de Homoxi e Paapiú, território invadido pelos garimpeiros em Roraima.